

MULHERES ESCRITORAS E A CONSTRUÇÃO DE UMA OUTRA GENEALOGIA: ISABEL DE VILLENA, ESCRITORA IBÉRICA DO SÉC. XV.¹

Cláudia Costa Brochado

Professora de História da Universidade de Brasília - UnB

Os estudos relacionados à história das mulheres deram grande contribuição à produção do conhecimento histórico das últimas décadas, bem como à utilização da categoria do gênero. Esses trabalhos abriram novos espaços, ampliando o campo historiográfico e incorporando novos temas e objetos às pesquisas. Igualmente, tivemos acesso a um grande número de mulheres que deixaram os seus registros ao longo do tempo, como é o caso das escritoras medievais, “redescobertas” neste processo.

Trabalhar com literatura escrita por mulheres, com as suas experiências e reflexões - como já evidenciaram os tantos trabalhos já produzidos acerca de escritoras e obras de várias épocas e contextos - podem nos ajudar a construir outros espaços de significação, outros modos de se ver, de se entender e estar no mundo, diferentes dos construídos até então. Em uma dimensão mais historiográfica, cabe ainda perguntar em que medida as experiências dessas mulheres, as suas falas e trajetórias, podem contribuir, como objeto de estudo, para a reflexão acerca de novos modos de construir o saber histórico e do fazer do historiador/a. Essas são questões presentes em nossos trabalhos e sobre as quais já nos debruçamos e pretendemos continuar nos debruçando. A esse respeito apresentaremos algumas reflexões.

Vamos começar discutindo um conceito, que a nosso ver, serve para ajudar a construir possíveis relações entre os textos de mulheres que viveram no período medieval, que é o que nos interessa particularmente, e os estudos contemporâneos relacionados à História das Mulheres. Este conceito seria o de genealogia que tem diversas definições que envolvem questões relativas à "origem das famílias", "ascendência", "linhagem", "estirpe", "raça", "procedência", "série de antepassados" ou “série de dados que compõem a história do desenvolvimento da atividade humana”. A genealogia seria, assim, um referencial importante para a construção de uma identidade, tanto individual, quanto coletiva, e que

¹ - Este texto é parte de um trabalho maior a ser publicado.

daria aos indivíduos uma sensação de “continuidade”. O conceito de genealogia tanto pode explicar uma “continuidade” mais restrita, por exemplo, de âmbito familiar, como mais ampla, referente a uma sociedade. Nietzsche e depois Foucault falam de genealogia como investigação da história com o objetivo de identificar as relações de poder que deram origem a idéias, valores ou crenças.

A abordagem crítica dada por ambos ao conceito de genealogia, inserida na perspectiva de crítica à ciência, ou de uma exigência de verdade, em que o papel do saber não é apenas produção de verdade, mas o exercício de poder, também nos interessa, na medida em que não queremos afastar as mulheres dessa responsabilidade, ou seja, de terem sido geradoras de poder, de estarem inseridas nas relações de poder, tendo originado idéias, valores e crenças. Porém, nos permitimos fazer algumas perguntas: elas reafirmam as idéias e valores masculinos em seus textos ou trazem algo de novo, de próprio? Havendo algo de novo, este novo tem elementos comuns entre os vários textos femininos? E no exercício do poder, há algo de comum entre as mulheres, há algo de distinto em relação ao poder exercido pelos homens, aquele tão criticado por Foucault? Essas são reflexões, muito mais para termos presente do que para esperar propriamente uma resposta.

No que diz respeito à sociedade ocidental, este *continuum* seria trazido pela cultura gerada nos marcos mentais e simbólicos dessa sociedade, que faria parte dos processos transcorridos ao longo de sua história. A genealogia responderia, assim, a uma necessidade de sabermos de onde viemos, de buscarmos uma origem, de construirmos um passado que possa nos dar um referencial que nos ajudaria a nos situarmos no presente. A cultura transmitida por nossos antepassados nos daria os meios necessários para manejarmos os símbolos de uma cultura coletiva, construída a partir de experiências históricas que nos uniriam a um passado comum.

Mesmo sabendo dos alertas de Jacques Le Goff quanto à tentativa de construção de um *continuum* temporal, para não incorreremos na idéia de busca das origens dos românticos do séc. XIX (LE GOFF, II, p. 542), queremos correr o risco de trilhar o caminho da construção de uma outra genealogia, distanciando-nos, obviamente, da idéia de origem que trata Le Goff.

Começamos, então, pelo saber sedimentado em nossa sociedade, o saber filosófico – como todos conhecem: originalmente *philos* 'amigo, amante' e *sophia* 'conhecimento, saber-', um saber que é a base da cultura erudita ocidental. Como representantes desse

saber, podemos citar diversos pensadores cujas reflexões impregnaram o nosso imaginário, convertendo-os em referenciais incontestáveis. Podemos falar em Platão, Aristóteles, S. Agostinho, S. Tomás de Aquino, Rousseau, Hegel e assim por diante. Mas, até bem pouco tempo, era difícil localizar em nossos referenciais, uma representante do sexo feminino. E mesmo que isso tenha mudado, pela produção e reflexão das últimas décadas no âmbito da história das mulheres e dos estudos de gênero, a relação é ainda muito desigual.

E será que algo não nos faltaria ao sermos obrigadas a uma identificação centrada em uma genealogia que se construiu eminentemente em uma “continuidade” masculina, em uma linhagem paterna, relegando para um plano secundário sua outra vertente, a materna?

Não que não nos sintamos identificadas com a genealogia patriarcal, já que somos parte dessa cultura, crescemos alimentadas pelos seus símbolos, necessitamos dos referenciais que ajudam a construir um sentido à vida, mas será que não seria interessante a presença de outros referenciais, femininos por exemplo? Será que nos é suficiente desconsiderar o que há de “anti-feminino” nos textos dos autores clássicos já citados, compreendendo-os em sua historicidade, e incorporar apenas o que nos interessa da sua filosofia, do seu saber? Como lidamos com a fala de Aristóteles, quando ele descreve as mulheres como homens imperfeitos? Será suficiente apenas desconsiderarmos esses aspectos dos seus escritos justificando-os na anacronia?

A escritora do séc. XIV, Cristina de Pizan, não conseguiu fazer isso e dedicou uma de suas obras a contrapor os textos misóginos que chegavam em suas mãos, tanto de autores antigos quanto de contemporâneos seus. Idealiza uma cidade utópica, a sua Cité des Dames, como espaço simbólico de refúgio feminino.

Embora existam trabalhos que tentam buscar esta genealogia antes da Idade Média, é a partir desse período que encontramos um número significativo de escritos femininos e mais para o final dele, como veremos à frente, de escritos femininos de defesa das mulheres. E porque as mulheres ganharam espaço na Idade Média? Houve mudança no contexto histórico que certamente contribuiu para isso, que permitiu a constituição deste lugar de anúncio da palavra feminina. Para citar algumas, mudanças trazidas, por exemplo, pela confluência de novas culturas, a romano-germânica, e também a árabe, principalmente no espaço ibérico. E outra fundamental, que foi a expansão do cristianismo

e das instituições monásticas, que passam a ser espaço de refúgio de muitas mulheres, inclusive com acesso à escrita.

Igualmente não achou natural e não quis calar-se a valenciana Isabel de Villena, que no séc. XV escreveu a obra “As protagonistas femininas da *Vita Christi*”, imbuída do mesmo sentimento de inconformismo com os textos que se disseminavam ao final da Idade Média. A filósofa da Universidade Católica de Milão Luisa Muraro, um dos referências do pensamento da diferente sexual (corrente do pensamento ligada à história das mulheres, que observa que nascer homem ou mulher implica em um estar no mundo de forma distinta e se propõe a repensá-lo em razão desta diferença), admitiu que o ponto de partida, a origem que buscava, utilizando os referenciais filosóficos tradicionais, e que permitiria a ela compreender a si mesma e a própria vida, a colocava sempre contra a obra materna:

Quanto mais buscava a independência simbólica, mais cresciam em mim um temor a me submeter à realidade...Minhas preferências filosóficas o confirmariam: se orientaram aos filósofos e à uma concepção da filosofia em transparente rivalidade, pelo menos na linguagem usada, com todo o que se refere à matriz da vida. Basta pensar em Platão e na insistência com que opõe a busca do ser e da verdade ao "reino da geração".

(MURARO, p.89. Tradução livre da autora)

Assim como esse texto fala do próprio processo de Muraro em rever as suas referências filosóficas e simbólicas, que embasam sua visão de mundo e que relata neste texto, qual seria a forma de construção de uma genealogia feminina? Dentre outras coisas, seria realizar o que os estudos de mulheres vêm se propondo nos últimos anos em diferentes abordagens e perspectivas e apesar de todas as dificuldades, já que buscar no passado a voz das mulheres não é tarefa fácil, na medida em que o acesso aos meios que permitem situar o indivíduo historicamente quase sempre lhes foi negado. Estes meios se referem fundamentalmente ao domínio da palavra escrita, de difícil acesso às mulheres em períodos mais remotos, ou nem tão remotos. Ao mesmo tempo, percebemos a pouca visibilidade dos espaços tradicionalmente femininos. A valorização da racionalidade e o confinamento forçado feminino no âmbito do emocional, principalmente a partir do séc. XVIII, reforçou sobremaneira o limite entre papéis masculinos e femininos, ou seja, aprofundou as questões de gênero, ao excluir as mulheres do saber institucionalizado, saber que foi sendo cada vez mais valorizado à medida que os séculos avançavam.

Para trabalhar com essas questões, segundo a historiadora da Idade Média da Universidade de Barcelona, Milagros Rivera, é preciso entender o conceito de política sexual: relações de poder que se estabelecem e se estabeleceram entre homens e mulheres em função do sexo. Estas relações, diz, são anteriores as relações regidas pelo contrato social (e que geram, por exemplo, as desigualdades de classe). Nas sociedades patriarcais são relações de poder que se estabelecem em primeiro lugar e em detrimento das mulheres, estando sexo e política, intimamente vinculados. Para ela, as relações da política sexual estabelecem formas de subordinação das mulheres em função da sua sexualidade e da sua capacidade reprodutora, que terá formas variadas, dependendo da cultura e da época. Existe, entretanto, algumas constantes fundamentais que são comuns a todas as sociedades patriarcais, uma delas, diz Milagros, é o "cancelamento material e simbólico da genealogia materna, que nas sociedades patriarcais (e a greco-romana, judaico-cristã e germânica o são) teve conseqüências extremamente negativas para a escrita da história das mulheres". (RIVERA, p. 15).

Mas não vamos pensar com isso que a produção intelectual feminina é inexistente, que não há vestígios escritos deixados pelas mulheres, principalmente de períodos mais remotos, ou seja, que não há informações sobre o que as mulheres há cinco ou dez séculos pensaram sobre si, sobre o mundo, sobre a vida. Como já dissemos, os registros existem e não são poucos, apesar do esquecimento forçado em que foram submetidos - muitos deles conhecidos em seu tempo, mas esquecidos principalmente a partir da modernidade.

E acreditamos que estes textos, esses registros são fundamentais para a construção de uma genealogia feminina, uma "*continuidade*" que pertença a uma tradição feminina, a uma linhagem materna, a um buscar referenciais também em mulheres pensadoras.

Isabel de Villena

Vamos, então, olhar para uma dessas escritoras e tentar perceber o que ela teve a dizer, vamos falar sobre a já mencionada, Isabel de Villena, que com seu livro *Protagonistas Femininas da Vita Christi* responde à corrente literária misógina que se manifesta na Baixa Idade Média.

Percebemos nos últimos séculos medievais um crescimento no volume de obras cujos conteúdos expressavam abertamente hostilidade à mulher. Acreditamos que esta

tendência que culmina no movimento literário denominado *Querelle des femmes*, (debate literário ocorrido principalmente na França, em finais da Idade Média, criado em consequência da dialética entre os textos a favor e contra as mulheres surgido, principalmente, após a discussão em torno ao *Roman da Rosa*, texto de caráter extremamente misógino e que envolverá principalmente a escritora Christine de Pizan).

Isabel de Villena viveu no séc. XV e foi abadessa de um convento de clarissas de Valença, Espanha. Foi criada na corte Maria de Castela, sua prima (infanta de Castela que se casa com Afonso V de Aragão). Villena dedica seu livro às religiosas do seu convento e procura, como o título sugere, colocar em destaque as personagens femininas do Evangelho.

Mais especificamente, pelo que tudo indica, ela pretendia responder, com o seu livro, aos ataques contra as mulheres formulados por Jaume Roig em sua obra *Llibre de les Dones, o Spill* (Livro das Mulheres, ou Espelho).

Jaume Roig foi um médico de família nobre conterrâneo e contemporâneo de Isabel de Villena. Mantinha também uma relação próxima com a rainha Maria de Castela, de quem era médico particular. Escreveu essa obra esclarecendo que seu objetivo era "doutrinar, dar exemplo e bom conselho".

A preocupação de Villena em defender as mulheres das acusações misóginas são perceptíveis ao longo de praticamente toda a sua obra, vamos destacar alguns elementos que nos indicam isso.

O primeiro deles refere-se ao acesso feminino ao saber. O saber institucionalizado, determinante para o acesso a quase todas as formas de poder - e, obviamente, gerador deste - era de domínio de poucos homens no período de Villena. Às mulheres deveriam caber outros espaços, nos quais, segundo a voz dominante, ela seria mais útil dada sua condição. Um dos poucos grupos femininos que conseguia escapar efetivamente deste controle e ao qual era permitido ter acesso a algum tipo de saber era o das religiosas que, dado o seu isolamento do mundo exterior, em geral geravam e consumiam elas mesmas esse saber. Uma das formas básicas para se ter acesso ao saber intelectual seria o domínio da linguagem escrita, o que, naquela época, significava ler, além da língua materna, pelo menos o latim. Ou seja, era necessário o domínio da palavra escrita.

Com relação a este tema, Isabel de Villena diverge totalmente de Roig e de tantos outros autores. Usando o exemplo de Maria - não podemos esquecer que a obra dela

refere-se às mulheres que participaram da vida de Cristo - ela observa que depois da morte de Jesus, esta passará a ensinar teologia aos apóstolos. Villena com isso contradiz também São Tomás de Aquino que em sua *Summa Theologica* dirá que Maria teria recebido o dom da sabedoria não para usá-lo nem para ensiná-lo e, sim, para a contemplação.

Villena acrescenta um ponto importante no debate em torno à predisposição, inerente ao sexo feminino, ao trabalho físico/doméstico em detrimento do mental. Ela explica - através do sermão de Jesus a Marta - que essa divisão não se dá necessariamente entre homens e mulheres e sim entre seres humanos mais predispostos a um ou outro trabalho. O Jesus de Villena tenta explicar a Marta a razão de ser Madalena aquela que sempre estaria ao seu lado em suas meditações e reflexões, esclarecendo a função diferenciada que ambas desempenhavam no mundo; para ele, à Marta caberiam os trabalhos domésticos, físicos, os quais, explica, eram de extrema importância. À Madalena caberia, entretanto, o de meditação e reflexão.

Mas Villena também critica a dicotomia predominante na cultura cristã, de repúdio à beleza física, vinculada à idéia de vaidade e luxúria. Para ela beleza e sabedoria não caminham por vias opostas. Em várias passagens de seu livro constatamos a valorização do belo no corpo físico.

Dos temas trabalhados por Villena, aquele onde se torna mais evidente que o seu livro pretende rebater diretamente a obra de Jaume Roig, seria a justificativa para Jesus ter aparecido primeiro às mulheres para comunicar sua ressurreição. Segundo ela, essa escolha se deveu à preferência que Jesus demonstrou ter pelas mulheres e pela confiança nelas depositada. Para Roig, no entanto, as razões das mulheres terem sido as escolhidas para a primeira aparição e para a divulgação da notícia da ressurreição de Jesus estariam relacionadas à característica feminina de falarem demais, de serem fofoqueiras. Para ele, Jesus somente as teria escolhido para o comunicado por desejar que a notícia fosse mais rapidamente divulgada entre seus fiéis.

No âmbito da literatura medieval misógina, um dos assuntos permanentes é a descrição de determinadas características tidas como tipicamente femininas. A quase totalidade dessas descrições tem um conteúdo negativo. A fraqueza feminina foi, nesse quadro de imperfeições, um dos pontos de crítica mais remarcados e advinha, segundo o discurso predominante, do Pecado Original. Isabel de Villena buscará demonstrar, no entanto, que a fraqueza não tem necessariamente que ser considerada uma característica

tipicamente feminina. Em sua obra ela mostra a coragem de Maria em vários episódios, sendo ela capaz de defender José, que, contrariamente, é aquele que demonstra fraqueza frente à ameaça.

Essa autora ressaltará ainda a coragem de Maria Madalena por permanecer ao lado de Jesus em todos os momentos. Até mesmo quando os próprios apóstolos teriam abandonado o seu sepulcro ela teria permanecido ali sem demonstrar medo, tendo sido, também, uma das únicas a não renegá-lo.

Parece evidente que a forma mais utilizada pela Igreja para fazer efetiva sua moral foi a disseminação do medo. No que se refere mais especificamente às mulheres, isso se viu agravado pelo maior leque de restrições impostas em função de seu sexo. A violência, nesse contexto, torna-se a expressão mais forte de uma cultura repressora. Quanto a isso, o texto de Villena nos permite supor que as mulheres, não somente não participaram diretamente da violenta cultura masculina, mas foram uma de suas maiores vítimas. Com relação à imposição do medo, por exemplo, como forma de controle social, Villena tem um discurso bastante destoante daquele do seu tempo, principalmente no que se refere aos textos doutrinários. Quanto à punição ao adultério feminino, por exemplo, ela se mostra veementemente contrária ao castigo físico como forma de correção.

Outro elemento importante para a idéia de construção de uma genealogia, refere-se aos seus comentários referentes à existência de uma cumplicidade feminina. No discurso predominante essa proteção entre as mulheres facilitaria o encobrimento das transgressões praticadas por elas e são várias as alusões que confirmam esta idéia na abordagem da relação mãe-filha, o que para muitos poderia representar - por razões variadas - uma ameaça aos membros masculinos da família. A preocupação se faz visível, uma vez que se imagina que a mãe tenderia a proteger a filha em detrimento do filho. É possível perceber na literatura misógina da época que a proximidade entre mãe e filha ameaçava o contingente masculino, que demonstra sua insegurança relatando, por exemplo, casos de crimes cometidos por mães e filhas.

Sobre esse tema Villena faz outro contraponto, vendo essa cumplicidade sob perspectiva completamente diferente. Utilizando duas personagens - mãe e filha - bastante conhecidas, Ana e Maria, mostra a forte relação existente entre elas e faz da separação forçada em que são submetidas, quando da fuga de Maria, um dos episódios mais dolorosos de sua obra.

Villena, assim como outras autoras medievais, procurou defender as mulheres das acusações e hostilidades que sofriam nos escritos que se disseminavam em finais da Idade Média. Podemos dizer que o repúdio aos textos misóginos, revelado por algumas mulheres através de suas obras, representou - mantendo, obviamente, as devidas proporções de tempo e espaço - uma incipiente manifestação feminista? Deixo ao público esta reflexão. Como medievalista que sou, deixo-a como provocação, afinal não se quis/quer a Idade Média tão obscura? Como mulher historiadora, como desafio, o de pensar uma outra história.

Referências bibliográficas:

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. 2 v. Bauru, SP: Edusc, 2006.

MURARO, Luisa. **L'ordine simbolico della madre**. Roma: Riuniti, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Hemus, 1976.

RIVERA GARRETAS, María-Milagros. **Textos y Espacios de Mujeres. Europa, siglo IV-XV**. Barcelona: Icaria, 1990.

ROIG, Jaume. **Llibre de les dones, o spill**. Francesc Almela i Vives, ed. Barcelona: Barcino, 1980.

VILLENA, Isabel de. **Protagonistes Femenines a la "Vita Christi"**, Rosanna Cantavella Lluïsa Parra, eds. Barcelona: La Sal, 1987 (col. "Clàssiques Catalanes" 15).